

EPISTEMOLOGIA E DIDÁTICA: DO DISCURSO TEÓRICO À EFETIVA PRÁTICA DOCENTE

Franciele Lessa Mendonça Detóri¹

(Grupo Educacional INAPE)

Thiago Campos²

(Grupo Educacional INAPE)

217

RESUMO: Um dos pontos fundamentais da importância em se estudar a epistemologia atrelada à didática, encontra-se no distanciamento entre o discurso teórico e a prática docente. É necessário trazer todas as concepções teóricas de conhecimento, educação, ciência, inteligência, pessoas, dentre outras, para a prática em sala de aula. Deve-se existir uma ligação entre teoria e prática que torne as ações mais condizentes com o que se pensa. A educação precisa ser vista como uma rede, em que as ideias são essenciais, elas misturam as disciplinas, estas não são mais vistas de forma isolada. O aluno já vem para a escola cheio de significados, cabe ao professor potencializar esses saberes. O foco da avaliação devem ser as competências. Todos os fazeres escolares devem valorizar o aluno, antes de tudo, como uma pessoa que possui suas individualidades.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia; didática; aluno; teoria; prática.

ABSTRACT: One of the key points in studying tied to teaching epistemology , is the distance that exists between theoretical discourse and teaching practice . Should be a link between theoretical discourse and teaching practice that makes the most suitable actions with what you think.. Education must be seen as a network , in which ideas are

¹ Mestranda do Grupo Educacional INAPE(INAPE INTERNATIONAL UNIVERSITY), Avenida Carlos Gomes de Sá, 335 , Morada de Camburi, Vitória – ES, Brasil (27) 2104-0834.
Email: francielelmd@yahoo.com.br . Currículo lattes: <https://www.cnpq.br/>

² Thiago Campos. Doutor em Educação. Presidente Executivo Grupo Educacional INAPE (INAPE INTERNATIONAL UNIVERSITY), Avenida Carlos Gomes de Sá, 335 , Morada de Camburi, Vitória – ES, Brasil (27) 2104-0834. Membro do Associação da Escola de Negócios de Harvard no Brasil

essential , they mix the disciplines , these are no longer seen in isolation . The student comes to school full of meanings , it is up to the teacher to leverage such knowledge . The focus of the evaluation should be skills. All students must value the student doings , first of all , as a person who has their legend.

KEYWORDS :epistemology ; teaching ; student; theory; practice.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A epistemologia é o estudo teórico do conhecimento, e como ramo da filosofia, busca investigar de onde provém, como alcançá-lo de forma válida. Entretanto, neste artigo, busca-se ressaltar a sua importância no âmbito educacional, o que difere das pesquisas nas áreas filosóficas e psicológicas.

Dessa forma, é necessário trazer todas as concepções teóricas de conhecimento, educação, ciência, inteligência, pessoas, dentre outras, para a prática em sala de aula. Surge neste ponto, a importância da abordagem didática junto à epistemológica. Isso permitirá que todas essas macro concepções possam ser vistas a partir do trabalho em sala de aula e como elas influenciam em nossa ação docente.

De acordo com o estudo dos tópicos de Epistemologia e Didática baseado nas vídeo-aulas do Prof. Nilson José Machado(Faculdade de Educação-Universidade de São Paulo)-as partes que aparecerem no decorrer do texto entre aspas são falas citadas por ele no vídeo- “as concepções influenciam nas ações”, sendo assim, a maneira como o professor imagina que o conhecimento se constrói, interfere no modo em que ele irá para a sala de aula ministrar suas aulas.

Não objetiva-se aqui, delimitar quais são as concepções de conhecimentos certas ou erradas, até mesmo pelo fato de não ser possível se fazer esse julgamento, visto que, segundo Machado “não há uma concepção que é a correta”. Cada docente possui um estilo próprio advindo de um “mix de concepções.”

Ressalta-se a importância de “buscar coerência entre as concepções e as ações”. É necessário existir uma ligação entre o discurso teórico e a prática docente que torne as

ações mais consistentes e condizentes com o que se pensa. Para isso, é preciso que as concepções sejam explicitadas.

Sendo assim, une-se a epistemologia com seus fundamentos teóricos à didática, que é voltada para as ações docentes para tratar de temas relevantes para a práxis pedagógica, delimitadas por Machado, tais como: cenários do conhecimento; da inteligência; das competências, o currículo(planejamento), a avaliação, as tecnologias, os valores, a autoridade, a ética. Todos esses tópicos são explorados, neste texto, no âmbito educacional de modo a favorecer o elo entre teoria e prática em sala de aula.

“Pode-se sugerir que as falas de nossos especialistas, ao expressarem um compreensível desencanto em relação aos efeitos das teorizadas escolas e salas de aula, indicam a necessidade de se repensar a articulação teoria-prática no campo do currículo de modo a facilitar o desenvolvimento da capacidade prática e da experiência teórica do professorado(MOREIRA, 2000,p.73).

I- LACUNAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DOCENTE

“O efeito da formação sobre os docentes restringe-se ao âmbito discursivo, não transformando as práticas dos professores. Chegam a aprender a dizer, mas não chegam a modificar o seu fazer como efeito dessa primeira aprendizagem. Entre discursos, práticas e conhecimentos, as articulações parecem padecer de muitas defasagens.”(ANDRADE,2007,p.95)

Um dos pontos fundamentais pelo qual é importante se estudar a epistemologia atrelada à didática, encontra-se exatamente neste quesito: a distância que existe entre o discurso teórico e a prática docente. Muitas vezes, os benefícios que uma formação docente poderia trazer às salas de aulas, fica restrita a discursos teóricos, longe de efetiva mudança pragmática.

Um dos grandes problemas ligados à Educação, encontra-se exatamente no fato de os fundamentos teóricos em busca do conhecimento(epistemologia) não estarem

ligados à ação do professor, em outras palavras, as concepções não estão ligadas às ações dentro da sala de aula.

Essa dificuldade ocorre, dentre outros fatores, devido ao fato de serem “as concepções que influenciam nas ações”, conforme afirma o Professor Nilson José Machado(USP): “o modo como a gente imagina que o conhecimento ocorre interfere no modo em que eu vou para a sala de aula dar aula. Sendo assim, é necessário que as concepções sejam explicitadas para que haja uma ligação desta com as ações, tornando-as mais consistentes e coerentes com o que se pensa.

A discussão em destaque não é afirmar qual a concepção de construção de conhecimento é a correta, pois cada docente possui um estilo próprio que advém de uma mistura de concepções. O que cada docente deve fazer é elencar questionamentos pertinentes a sua prática, fazer o elo entre as teorias do conhecimento e seu cotidiano em sala de aula. Para tanto, o Professor Machado sugere às seguintes questões:

- Como planejo?
- Como avalio?
- Como utilizo as tecnologias?

Essas questões não só auxiliam na ligação entre teoria e prática, como também propiciam um fazer/refazer pedagógico voltado para a Educação em seu sentido mais amplo.

Tendo em vista o papel do conhecimento como o que “movimenta a economia”, o professor precisa levar em consideração o seu papel no contexto social também, quando refletir sobre essas importantes questões que devem auxiliar nas possíveis intervenções e mudanças.

Os professores não estão à margem da discussão pública sobre as finalidades do ensino e sua organização. Pelo contrário, se encontram precisamente no meio das contradições presentes na sociedade. Por isso mesmo, não podem, de modo algum, nas suas reflexões e ações, deixar de levar em consideração tal

contexto como condicionante de sua própria prática (Ghedin, 2002, p. 2).

II- OS SABERES E PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO

Outro problema muito comum em todas as culturas e épocas é o conceito exclusivista de educação, em que “educar tem a dimensão de receber” quem chega e o inserir em um quadro social já elaborado, o que em latim diz-se “ducere”, que significa conduzir. É preciso que se pratique o “educere”, extrair, conduzir para fora, que em língua portuguesa traduz-se educir, e educação seria extração. Nessa prática é possível receber quem chega, mas também, permitir que essa pessoa tome posse da palavra.

Nessa perspectiva a ação é um fazer consciente, um fazer com a palavra. O mundo atual visa uma “ação estratégica”, objetivando-se o êxito. “Precisa-se de uma ação que vise a comunicação, objetiva-se o entendimento e não o êxito. Chegar a um acordo por meio de um discurso, uma situação ideal de fala. Todos têm a palavra sem ser formatada, a palavra deve ser dada”, conforme afirma Machado.

A escola, muitas vezes, pode essa ação tão importante e natural na vida das crianças. A palavra é algo vivo em seu cotidiano e ocorre diversas vezes por meio de perguntas. Porém, a criança é cobrada a fazer as perguntas no formato que a escola exige.

Um outro problema da escola, do professor e do sistema educacional em si, é taxar o aluno como um ser vazio em que, exemplificado por Machado, é visto como um balde em que o professor enche sua cabeça de conteúdo até chegar ao ponto que se deseja. A construção do conhecimento nessa perspectiva é vista como uma acumulação.

Mesmo que seja possível a percepção de notáveis avanços no sistema educacional, esse é um antigo problema vivido pelas instituições escolares. Prova disso, é o trecho a seguir, que embora pertença a uma obra de 1994 – “A produção de ignorância na escola”- descreve, com palavras diferentes, o que foi tratado acima, e

apesar de muitos avanços, ainda é uma realidade que “assombra” diversas escolas em nosso país.

Subjacente a essas idéias está a suposição de que a criança, quando chega á escola, é uma tábula rasa, que deve ser preenchida com uma coleção de informações organizadas. Novamente, a criança, como sujeito que constrói conhecimento em interação com o seu meio, é ignorada.. Para a professora, a criança vai á sala de aula para receber (via percepção) os conhecimentos prontos e acabados que ela vai lhe dar, e aquele que não aprendeu.(FREITAS,1994,p.87)

É de suma importância compreender que o aluno já vem para a escola cheio de significados, cabe ao professor potencializar esses saberes para a construção do conhecimento.

III - A EDUCAÇÃO COMO REDE

A educação como uma rede, em que as ideias são essenciais, misturam as disciplinas, estas não são mais vistas de forma isolada. Na rede está tudo interligado, mas nem tudo é valioso. Torna-se necessário planejar, que seria construir um mapa de relevância. Para avaliação do que é ou não relevante, é necessário que se tenha um projeto.

A ideia de rede é muito interessante, pois seduz pelas relações de interesse. Mas é preciso dar continuidade ao processo, surge a necessidade da elaboração de um planejamento que tenha flexibilidade.

Para uma melhor compreensão sobre como deve funcionar o planejamento a partir de um currículo, é relevante entender como isso se deu historicamente.

Até à Idade Média, aproximadamente, as disciplinas eram divididas em sete, no pensamento ocidental como “Trivium”: Dialética, Gramática e Retórica e no “Quadrivium”: Aritmética e Música, Geometria e Astronomia. Entre 1500 e 1600 com o

nascimento da ciência moderna é que houve uma mudança no currículo em que as disciplinas eram divididas nas ciências, mas sem grande fragmentação.

A fragmentação disciplinar é própria dos currículos de hoje. Conforme afirma o Prof Machado, “a disciplina passa a ser o canal de comunicação entre a escola e a vida”. Sendo assim, um grande obstáculo para o planejamento encontra-se nessa fragmentação disciplinar. Para lidar com essa situação, algumas medidas podem ser tomadas:

- Contexto- contextualizar é uma prática eficaz para combater a fragmentação. É tecer relações com outros, “dar vida aos temas, tecer as relações entre os assuntos”. Possibilita um olhar além das disciplinas ao planejar.
- Interesse - diminuir a distância entre os interesses e os temas curriculares, ao colocar um foco, ao planejar, que possibilite a criação de centros de interesse.
- Projeto - lembrar que o planejamento é apenas “uma etapa operatória” na construção de um projeto, que é ligado a valores.

Além desses itens, que devem estar sempre relacionados ao planejar, é preciso levar em consideração as “Ideias Fundamentais”, ligadas aos conteúdos. Partir do simples para o complexo. Dentro dessas ideias é possível utilizar três critérios ao planejar: a utilização da “linguagem ordinária”(não técnica)- “eu consigo explicar por que esse assunto é importante na linguagem ordinária, linguagem do cidadão?” Se a resposta for negativa, o assunto não é fundamental; se é estruturante- se for um tópico isolado não é fundamental; transbordamento- verificar se o assunto coloca-se em contato com outras disciplinas.

Outros pontos a serem considerados durante uma situação de planejamento são:

- Mapas: a aprendizagem no sentido da rede não é só acrescentar, mas também descartar relações desnecessárias, que não são relevantes. Deve-se mapear o que é relevante e levar em consideração ao projeto que se tem.
- Escala- ver o que é fundamental e o que não é para chegar ao que se propôs no projeto. Se ater ao fundamental de acordo com a escala de tempo.

Tendo sempre em mente esses requisitos no momento de planejar torna-se possível uma consolidação prática dos aspectos teóricos abordados neste texto.

Machado diz que “quando a gente planeja, esse planejamento não fixa de uma vez tudo o que o aluno vai aprender, esse planejamento é pra deflagrar um processo”.

Compreender que planejar é uma etapa operacional do projeto, como já foi dito anteriormente, possibilita entender também que, como processo, esse planejamento deve ser avaliado antes de seguir em frente.

Outro fator que tem sido alvo de debates e discussões por todo o mundo é a *avaliação*. E é difícil pensar em planejamento, avaliação e projeto de forma isolada.

No processo avaliativo é preciso levar em consideração que uma pessoa é multidimensional. “Nenhum instrumento isoladamente é capaz de apreender uma pessoa.” Como se daria, então o processo de avaliação como medida, sendo que ele não ocorre por mera acumulação. As pessoas aprendem ao incorporar coisas e apagar outras desnecessárias. A heterogeneidade não permite uma avaliação acumulativa padronizada.

Para se avaliar deve-se ter como base o que será avaliado, que é o foco de nossa exposição neste texto, o *conhecimento*. Este deve possuir a marca da rede em que não há uma série de encadeamentos, mas caracteriza-se pelo acentrismo-não possui centro. Tecem-se os nós na construção dos conhecimentos. Deve-se avaliar como um processo de rede.

(...) As redes em sua essência de processo e não de produto, não são apenas expressões de conhecimentos pessoais, subjetivos. Por serem compartilhamentos de significados e representações, elas são multipluridimensionais, pessoais e referenciais. Sua objetividade está nas multiplurisubjetividades. Elas pertencem a todos e a ninguém ao mesmo tempo.(Ferraço 2004, p.143)

Surge a emergência de, na avaliação, valorizar as diferenças pessoais. Conforme salienta também Hoffmann(1998,p.19): “Respeitar as diferenças entre os alunos é uma tarefa que exige, sobretudo, sensibilidade, humanidade e cooperação entre os professores.” O foco da avaliação devem ser as competências, tendo sempre em mente o respeito “Ver a pessoa, mobilizar o que sabe para realizar o que projeta”, confirma Machado. Isso é o que se deve buscar nas escolas, um indicador cognitivo com foco na

peessoa. Afinal, “no processo de avaliação escolar podem ser “iguais”, na vida não serão, complementa Nilson José Machado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um consenso por parte de especialistas e estudiosos acerca da crise da teoria clássica do currículo e da necessidade de profundas mudanças nessa teoria. Os problemas apontados são o predomínio de uma perspectiva acrítica e tecnicista no desenvolvimento curricular (problema entendido como ‘encontrar o único e melhor conjunto de meios para atingir os objetivos escolares previamente selecionados’), a falta de atenção para com a relação entre conhecimentos escolares e fenômenos extraescolares, uma teorização excessiva, separada da prática pedagógica e da aula, isto é, fatores que não têm permitido fazer do desenvolvimento curricular uma ajuda para entender e praticar o ensino. (Torres 2005, p.15)

A afirmação acima, de Rosa Maria Torres, confirma exatamente o que foi tratado neste artigo. Sendo assim, é possível concluir que se faz necessário trazer novos sentidos à escola. No entanto, somente o discurso não culminará em mudanças efetivas. Mais do que mudança nos programas de estudo e no discurso é urgente as transformações na prática docente.

Daí a importância de trabalhar juntamente a epistemologia e a didática. De um lado, a teoria, o estudo de como se chegar ao conhecimento e do outro, a prática docente para tornar viva a teoria na vida dos alunos, possibilitando-lhes portas, caminhos para que busquem os conhecimentos necessários às suas vidas. Cabe aqui, retornar às sábias palavras do professor Nilson José Machado “o professor não está jogando ali sozinho com o aluno. Há ações em que se deve haver simetria e há situações em que não se deve

ter. O professor deve ser o mediador entre o que a escola em seu currículo oferece e o que o aluno possui interesse e fazer essa ligação”.

Para esse fazer, o conceito de rede para avaliar as competências do aluno, desenvolver projetos e planejar aulas sem fragmentações disciplinares é de suma relevância. Isso possibilita um olhar não só sob a perspectiva de conquistas do educando, mas essencialmente uma autoavaliação do planejamento. Com base no que foi projetado, avaliar se o planejamento atingiu às expectativas. “Avaliação não é fim, é meio para ver se as coisas estão indo como planejadas. Quem não tem nenhum plano, avaliar não vale nada”, diz Machado.

Faz-se necessário existir coerência entre todos os polos do sistema educacional brasileiro, desde a educação infantil até às universidades, visto que, nestas há uma organização fragmentada e se os estudos por fragmentação forem modificadas no ensino básico e médio, mas persistirem nos centros universitários, os alunos estarão “inadequados” para serem inseridos nesse ambiente acadêmico.

Portanto, todos os fazeres escolares devem valorizar o aluno, antes de tudo, como uma pessoa que possui suas individualidades, competências, saberes e preferências. Isso nos fará refletir que não há uma verdade absoluta.

Enfim, não cabe a nós professores, julgarmos e defendermos por meio de um discurso, qual método é o correto, quais concepções são absolutas na busca do conhecimento, mas devemos conhecê-los e utilizá-los de forma consciente e pragmática em sala de aula para que, pelo estímulo de sua autonomia, o aluno “aprenda a aprender”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAÇO IN **O sentido da Escola** / Nilda Alves e Regina Leite Garcia (orgs.) – 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **A produção de Ignorância na escola** 3º Editora – São Paulo 1994, Cortez.

GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica**. In PIMENTA, Sema Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Pontos e Contra Pontos do pensar ao agir em avaliação*. Porto Alegre; Mediação, 1998

MACHADO. N. J. **Tópicos de Epistemologia e Didática** . Vídeo enviado por univesptv. WWW.youtube.com. 26/01/2012.

MOREIRA, A. F. B. **O campo do currículo no Brasil: os anos 90**. In Endipe. *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TORRES, Rosa Maria **Que (e como) é necessário aprender?: Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares/** Rosa Maria Torres: tradução Tália Bugel. – Campinas, SP: Papyrus, 1994. – (Educação